

O HOMEM LIVRE

São Paulo, 22 de Agosto de 1933

Redator-chefe:
GERALDO FERRAZ

ASSINATURAS:
ANO 20\$000
SEMESTRE 10\$000
NUMERO AVULSO \$200

Rua do Carmo, 11 — 1.º andar

Ano I N.º 12

Campeão da unidade ou da desagregação nacional?

Depois de Plínio Salgado e antes de J. Fabrino o general Góes Monteiro fez a sua profissão de fé fascista. Campeão mundial de entrevistas, como éle proprio se intitula, não perde ocasião para investir contra o que chama a «democracia liberal», causa de todos os males do Brasil e do mundo. E de acôrdo com o marquês de Maracujá, que acredita piamente que democracia significa «reinado do demo», afirma na sua ultima entrevista, publicada num jornal carioca, que se incidirmos em 1933 no «erro de 91», entraremos novamente no caminho de onde saímos em 1930, isto é, naquele que leva á «perda do nosso Brasil».

Nessa entrevista do sr. Góes Monteiro, que é fonga, as contradições são numerosas. Sentindo isso éle encerra a sua fala dizendo que o «homem que julga não ser contraditório é imbecil ou divino...»

Entretanto, entre as afirmações do general integralista ha uma que éle mantém sempre e é a que já fizemos referencia: a unidade do Brasil ameaçada pelo «erro de 91», isto é, a «democracia liberal», segundo a sua terminologia. O golpe de 30, diz éle, operou um resurgimento. Antes (a partir de 91), o país estava morto. Era apenas uma expressão geográfica. E si o golpe não viesse o Brasil desapareceria inteiramente do mapa das nações.

No entanto, a verdade é que as duas ameaças mais sérias de desagregação por que já passou o país foram: a primeira, a revolução farrroupilha; a segunda, a chamada «revolução constitucionalista». Uma antes de 1891 e outra depois de 1930 — os limites fixados pelo sr. Góes Monteiro para o reinado diabolico da «democracia liberal». Como se vê, éle já aprendeu a pensar integralmente á fascista, isto é, confundindo, adulterando e generalizando tudo.

Apesar de suas afirmações, o campeão das entrevistas, por longe que esteja do poder, dêle está incomparavelmente mais perto do que o ridiculo Plínio Salgado ou o pandego J. Fabrino. No Brasil, isto já foi dito várias vezes, não ha lugar para uma ditadura fascista típica. O prole-

tariado brasileiro não causa por enquanto preocupações sérias á nossa burguesia. Mas com a agravação da presente crise, poderemos vir a ter uma ditadura militar, para o que o sr. Góes Monteiro vem se candidatando abertamente. E se isso acontecer toda a encenação da demagogia fascista e seus métodos de opressão serão para aqui transportados.

Mas com a implantação de tal governo estaria melhor amparada a unidade nacional? O sr. Góes Monteiro, que se arvora em campeão de tal unidade seria transformado pela história no títtere artifice mais graduado do processo de desagregação nacional.

A crise da unidade do Brasil começou em 1930 com a perda por parte da burguesia paulista do dominio político do país. A queda dos preços do café — cuja crise continua ameaçadora — não só quebrou o «élan» e a resistência das classes dirigentes de S. Paulo, como feriu de morte o processo de centralização que vinha se operando de maneira lenta e penosa.

A burguesia paulista, entretanto, está ainda em condições de lutar com vantagem. Os acontecimentos dos últimos dias mostram claramente isso. Ensaia-se uma recomposição da situação anterior ao movimento de 1930. As «inovações» e ameaças outubristas, que tem a sua base social na parte mais inconciente da pequena-burguesia alvorçada com os acontecimentos internacionais, não deixarão de contribuir para um melhor entendimento entre as classes dirigentes de S. Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

Mas mesmo que isso se verifique não passará, segundo tudo faz crer, de uma curva descendente do processo começado em 1930, o que é natural em acontecimentos que se caracterizam pela sua lentidão, cheia de altos e baixos.

Em nossa época de apodrecimento do regime capitalista, convem lembrar, a unidade nacional não pôde ser uma palavra de ordem burguesa. E a politica de isolamento nacional e as tentativas de «arquia» economica — consequencia direta

do retardamento da revolução socialista por carencia dos fatores subjetivos — só poderá refletir neste país como tentativas de isolamento das diversas regiões economicas, isto é, reforçando o processo de desintegração.

Enquanto o general Góes Monteiro se põe inconscientemente ao serviço do processo de desintegração nacional, batendo-se por uma ditadura nos moldes fascistas, vemos um seu colega de armas repelir a «moxinifada sem nexo» do sr. Plínio Salgado. Referimo-nos ao general Manuel Rabelo, de quem, apesar de tudo, se pôde dizer com justiça que pensa segundo o sentido da emancipação da humanidade.

O sr. Góes Monteiro, falando com tanta insistencia e ênfase em «ação», fazendo abstração do conteúdo humano e dos reais interesses da maioria, põe-se no Brasil, e essa é a tarefa dos fascistas, a serviço das castas reacionarias mais sordidas.

A cretinização da mocidade alemã

O correspondente de «Le Temps» em Berlin transmite ao seu jornal, a 8 de julho findo, o seguinte:

«Os jovens juristas estagiarios farão, antes de ingressarem na advocacia ou na magistratura, certo estagio num campo, afim de terem o necessario contacto com o povo. Deverão éles, declarou o ministro da Justiça da Prussia, conhecer a vida em comum, a verdadeira camaradagem, a humanidade alemã, conhecimento absolutamente indispensavel para que sejam, mais tarde, juizes ou advogados no espirito do nacional-socialismo.

Um chefe de secções hitle-ristas foi encarregado de organizar o primeiro campo dessa natureza. Os estagiarios usarão uniformes. Ao entrarem no campo, ser-lhes-á retirado o dinheiro pessoal, afim de possuirem todos o mesmo meio de vida. Não se lhes deixarão os livros de estudo que serão substituidos por literatura de tendencia nacional-socialista.

Os estagiarios deverão dedicar-se a exercicios fisicos de todo genero, a par de diversos esportes. Deverão executar trabalhos em terrenos variados e executar serviços domesticos como descascar batatas. Officiais e monitores esportivos, fornecidos pelo departamento de educação da mocidade alemã, farão sua formação prática.

Por outro lado, a instrução intelectual compreenderá conferencias sobre o desenvolvimento e história do nacional socialismo, organização das milicias hitle-ristas, questões etnicas, a nação e a sua defesa, o tratamento de Versailles, a politica de repovoamento e certo numero de questões juridicas.

Imagine-se a nossa juventude, saída da Faculdade de Direito, obrigada a ler os pavorosos romances, perrepo-integralistas indigenas, no intervalo do descascamento das batatas! Ser fascista é, apenas o prazer masoquista de viver debaixo do calabrote.

A opinião do general Manoel Rabelo sobre o integralismo

RECIFE, 16 (A. B.) — O general Manoel Rabelo, que acaba de regressar de Fortaleza e Natal, de sua viagem de inspeção, entrevistado pelo «Diario da Manhã», em torno do programa integralista que está sendo defendido pelo Norte, em caravanas, disse:

— Acionando esse movimento vê-se claramente a influencia reacionaria. Li o programa com que o integralismo se apresenta e cheguei a essa conclusão: é o cumulo da incongruencia. Não sei mesmo como se possa prestar-lhe atenção. É uma moxinifada sem nexo.

O ensino leigo e o catolicismo

Os católicos ficam irritados quando alguém lhes fala em ensino leigo. Alegam que isso é incompativel com a liberdade de cultos; que o que se pretende é tirar-lhes o direito de pensar; que os não-católicos querem a liberdade de pensamento só para si; não para os outros; que o certo, democraticamente, é o ensino facultativo, porque então cada criança aprenderá na escola a religião dos pais.

Analise-mos, sem animosidade, esses fêreos argumentos.

1. — Ensino leigo quer dizer: ensino sem religião. Não significa nem ensino «anti-católico», nem «ensino anti-religioso». Os mestres não poderão combater as divindades, não poderão dizer que Deus é uma fantasia do homem, que a Igreja Católica é um antro de parasitas, que a religião é o ópio do povo; mas também não poderão falar na Divina Providência, nem na recompensa do Cén, nem nos castigos do Purgatório ou do Inferno. Nenhum mestre terá o direito de pregar o ateísmo, mas também não poderá pregar o catolicismo, nem o protestantismo, nem o espiritismo, nem qualquer outra religião. Fora da escola, o ateu mete o braço no padre, o padre excomungá o pastor, o pastor amaldiçoa o espirita, o espirita perdoa a todos em nome de Jesus... Mas, fora da escola. Eis o ensino leigo. Onde está a «incompatibilidade» com a liberdade de cultos, si éle garante essa liberdade, não permitindo que o professor imponha aos alunos as idéias dos pais?

2. — Ninguém tira aos católicos o direito de pensar. Com o ensino leigo, todo devoto continuará a pensar, a manifestar as suas idéias, a propugná-las em seus jornais e associações, a pedir a clemência do Padre Eterno, a rezar, a acender velas, a ir á missa aos domingos. Todo ateu continuará a explicar ao povo que os padres não passam de uma corja de exploradores, que as igrejas devem deixar de existir, que é preciso exterminar a raça dos sotainas. Todo protestante continuará, dentro do seu templo, a ler e a interpretar a

Biblia, a dizer que a Virgem não era virgem, a mostrar que a maçã de Eva não era propriamente uma maçã, mas outra coisa a que Moisés, no Génesis, emprestou o nome da fruta. Todo espirita continuará a fazer sessões, a mexer mesinhas, a fazer o médium fengar, a invocar as almas dos justos, a afastar os «encostos», a doutrinar os espiritos sem luzes. Quem perderá, pois, a liberdade de pensar?

3. — Os anti-católicos não pretendem, com o ensino leigo, tirar a liberdade de ninguém. Não se ensinará o catecismo nas escolas? Mas, já o dissemos, também não se ensinará o ateísmo, não se ensinará religião alguma. O que os católicos poderiam dizer, nesse caso, é que ninguém teria liberdade... de arrancar á criança a liberdade de escolher, mais tarde, sem a influencia dos pais, a sua filosofia.

4. — Ensino facultativo? Ok! Deixemos as palavras, caros senhores! Sabemos muito bem ao que querem chegar. Aparentemente, isto: o pai católico pede ao mestre que ensine á criança o catolicismo; o pai protestante quer o protestantismo; o pai espirita, o espiritismo; e, naturalmente, — para sermos «democraticos» — o pai ateu, o ateísmo. O governo — admitamos — contrataria professores de todas essas tendências filosoficas para que todos os pais tivessem satisfeitos os seus desejos.

Haveria a classe dos filhos de católicos, e dos filhos de ateus, a dos de protestantes, a dos de espiritas, e talvez mesmo, filhos de qualquer outra coisa. Seria, na verdade, a quintessência da democracia! As crianças a engulir, como irracionais, a razão «filosofica» do professor. Bonito. Mas, como as crianças ainda não têm idade para compreender as coisas mais complexas do mundo em que vivem, a «democracia» dos senhores católicos significaria apenas isto: imbecilizar as crianças com as complicadissimas coisas do outro mundo... E, como quasi todos os pais brasileiros são batizados e vão á missa aos domingos (peló

(Continua na última pg.)

“MANUAL ORTOGRÁFICO”

POR UM PROFESSOR

Com prefácio de Medeiros de Albuquerque. Aprovado pela Federação das Escolas de Comércio de S. Paulo

PREÇO 12\$000

A venda em todas as livrarias

Gráfico Editora Unitas Ltda.

Depois da morte

de Giacomo Matteotti

Emilio Lusua, antigo deputado italiano, acaba de publicar um livro *) em que descreve o que se passou na Itália desde o armistício até a sua evasão da ilha de Lipari. Desejo livro, de inestimável valor documental, extralamos o seguinte trecho:

No dia 10 de junho, o deputado Matteotti foi raptado, quando se dirigia à Câmara, e assassinado nas campinas romanas. Era uma lição, de estilo imperial, ao Parlamento renitente.

Eu estava em Roma. Como meus colegas, recebi a notícia inesperadamente. A repercussão no país foi imensa.

A "squadra" fascista que havia executado a operação era comandada por Amerigo Dumini. Eu o conhecia pela sua reputação. Seis meses antes, ele tinha se batido em duelo com o jornalista Giannini, socialista, a quem ele mandara agredir num teatro de Roma. Giannini era um esgrimista muito hábil e Dumini, durante a luta, tomado de pânico, fugiu. Nos meios fascistas passava por intrepido. Ele tinha o recorde dos assassinatos políticos, e gostava de se apresentar da seguinte maneira: "Dumini, nove homicídios". Sua ação mais brilhante passara-se em Carrara. Al esbofetou uma jovem por motivo de um cravo vermelho que ela trazia. A mãe e o irmão da moça, que estavam presentes fizeram algumas observações. Ele respondeu matando os dois a tiros de revólver. Depois passou a viver em Roma, no Serviço de Imprensa da Presidência do Conselho. Sabia apenas ler e escrever. Seus quatro companheiros de bando chegaram a esse tempo a Roma, expressamente para ajudá-lo a empunhar a "pena" no Serviço de Imprensa.

Durante alguns dias o crime ficava envolto em mistério e o público ignorava a sorte do deputado desaparecido. Mussolini quis fazer algumas declarações na Câmara, no dia 12.

Ha quem afirma que o "Duce" falou no meio do maior embaraço. Lembro-me muito bem dos detalhes da sessão. Mussolini não estava embaraçado. Quando ele disse: "Desejo que o on. Matteotti possa retomar logo o seu lugar no Parlamento", fixou seu olhar no setor da esquerda, e sua fisionomia dizia: "E' um. Atenção: a série começou". Foi de-

vido a essa expressão de ameaça que o deputado republicano, Eugenio Chiesa levantou-se num ímpeto e, estendendo a mão contra ele, bradou: "O governo é cúmplice!"

No dia 12, Mussolini estava completamente seguro de si. Os deputados fascistas estavam de um excelente humor. Os esquadristas de Farinacci regosijavam-se. A situação começou a modificar-se pouco depois, quando começaram a circular os primeiros nomes dos chefes fascistas implicados no caso: Cesare Rossi, chefe do Serviço de Imprensa da Presidência do Conselho; Marinelli, secretário geral administrativo do partido; Felippelli, diretor do jornal "Il Corriere degli Italiani"; e finalmente o general De Bono, que havia se encarregado de falar com Dumini e de fazer desaparecer os traços do crime. O chefe do governo estava assim diretamente implicado no caso.

Jamais comoção mais profunda abalou o país, em todos os meios. Os deputados da oposição abandonaram a Câmara e declararam que eles all não voltariam antes que a justiça punisse todos os responsáveis. Foi assim que começou a secessão parlamentar que tomou o nome de "Aventino".

Roma teve dias de uma agitação intensa. Todos reclamavam a demissão do governo. Nas casas, nos escritórios, nas fabricas, em público, não se falava de outra cousa. Os chefes da oposição gram aclamados nas ruas. Os fascistas gram acolhidos em todos os lugares com gritos e váias. Vários deles tiraram o distintivo do partido, declarando que não os tornariam a usar antes que um julgamento declarasse Mussolini inocente. Ninguém se mostrou mais em público de camisa negra. Numerosos deputados que, antes, compareciam ao Parlamento com essa indumentária, apareceram com colarinho engomado e camisa comum. Nos corredores, os deputados fascistas faziam tudo para se aproximar dos da oposição e demonstrar a sua aversão pela violência e pelo arbitrio.

O conde di Cao di San Marco, também deputado, a quem eu não via fazia muito tempo, procurou-me para dizer que, acontecesse o que acontecesse em Roma ou na península, nós deveríamos entrar em acórdio relativamente a uma solução pacífica para a crise da Sardenha.

Ele temia, visivelmente, represálias. — Não tens vergonha — disse-lhe — de procurar-me neste momento?

— Não, respondeu ele. Porque deveria envergoar-me?

Um advogado de Roma, meu conhecido, fascista e esquadrista, que não via ha mais de dois anos, veio á minha casa, desesperado, implorando minha hospitalidade por alguns dias. Ele temia que os antifascistas do quartelão em que residia o agredissem.

— Por que te diriges a mim — perguntei-lhe — e não nos teus camaradas de partido?

Os camaradas de partido! disse ele. Eles estão nas mesmas condições que eu. Não se consegue encontrar um só. Vários deles deixaram Roma, e outros mudaram de bairro. O momento é terrível.

Ah! disse-lhe. Tu também éras amigo da violência. Por que não continuas a ser violento? E' o momento.

— Mussolini traiu-nos, disse ele. — Não és tu quem está traíndo Mussolini, abandonando-o?

— Mussolini traiu-nos, insistiu ele. Suprimindo Matteotti, ele devia saber que lançava todo o país contra nós. Ele, pôde sempre ter um aeroplano á sua disposição, e pôr-se a salvo quando entender. Mas toda a gente não dispõe de uma frota aérea.

Mussolini estava encerrado no Viminal, protegido por batalhões de infantaria. A Milícia não estava em condições de garantir sua proteção. A mobilização geral da Milícia romana, ordenada com urgência, fracassou miseravelmente. As famílias não deixavam os milicianos saírem de suas casas, com temor de uma agressão nas ruas. Os mais ousados foram desmoralizados pelas injurias com as quais gram acolhidos em público. Todo o fascismo parecia agonizante. Si quinhentos antifascistas tivessem assaltado os ministerios, toda a cidade os teria apoiado, e Mussolini teria perdido o poder com a mesma rapidez com que o havia conquistado.

A situação das outras cidades não era diferente da da Capital. A imprensa, mesmo a mais moderada, empregava, uma linguagem forte. Em várias provincias, as sedes dos "Fascios" permaneceram fechadas, os

jornais fascistas não gram vendidos, a Milícia estava dispersada.

Mas a insurreição era um problema estranho á psicologia e á mentalidade do antifascismo dirigente.

O rei, nesses dias, estava na Espanha. Enquanto ele preparava-se para voltar, Mussolini, assediado de todos os lados, para atrair lastro á opinião publica, obrigou o on. Finzi a demitir-se do secretariado do Interior.

Finzi, depois de uma conferência com o "Duce" acreditando-se ameaçado de morte por ele, entrenchelado em sua casa, com um grupo de partidarios armados, e escreve um memorial no qual aponta Mussolini como o responsável pelo assassinato. O memorial chega ás mãos dos chefes da oposição.

Em seguida é a vez de Cesar Rossi. Ele também é obrigado a demitir-se do cargo de chefe do Serviço de Imprensa da Presidência do Conselho. Mas ele teme coisa pior e escreve a Mussolini a carta famosa: "Tu estás agora tomado pelo pânico. Se teu cinismo te sugerisse dar ordem de que matassem, eu te previno que tua carreira ea fortuna do regimen estariam terminadas".

Ele também escreveu o seu memorial. Foi depois a vez de Felippelli, que deixa seu jornal e Roma. Terceiro memorial.

Mussolini se desembaraça de todo o seu Estado-Maior. Chega a vez do general De Bono, que é obrigado a demitir-se das funções de chefe da Segurança Publica e que, choramingando se compara a Belisario. Mas a opinião pública, não satisfeita, reclama a demissão do presidente do Conselho.

Até mesmo os fascistas, o on. Del Croix á frente, conspiram e esforçam-se por encontrar um sucessor. O "Duce" não come mais: Farinacci afirma que ele perdeu oito quilos. Horas tristes para o Ditador. A chegada do rei a Roma é anunciada para a tarde do dia 16.

Fatigado com tantas contemporizações Amendola, no dia 26 de dezembro, faz publicar no quotidiano "Mondo" o memorial de Cesar Rossi. Os jornais da península reproduzem.

(Continua na ultima pag.)

Os livros

UPTON SINCLAIR:
"CULTURA e SOCIALISMO". — Ed. "Minha Livraria" — Rio de Janeiro, 1933

Upton Sinclair é um nome bastante conhecido, mesmo entre nós, que estivemos alg o outro dia mergulhados nas trévas. A sua obra, tanto a literária como a política, deverá ser amplamente divulgada: e o seu vulto de propagandista merece muito mais do que sumários e vagos conhecimentos. E' preciso frisar o seu grande valor como escritor social. Ele combateu, em defesa da verdade e dos oprimidos em todas as frentes. Foi desvendado e descreveu a verdade sobre tudo, desde os maldouros de Chicago até o monstruoso aparelho da "Imprensa-amarela" de negocios. Upton Sinclair tornou-se, assim, um destemido militante das ideias socialistas.

Desde a mocidade, U. S. utilizou a sua pena para propagar o socialismo, tornando-se, com o passar do tempo, cada vez mais rigoroso a sua doutrina de classe. Além dos seus grandes romances — cuja provável publicação no Brasil virá desfazer entre nós a mentirosa imagem do "paraíso norte-americano" — escreveu uma infinidade de obras, folhetos e artigos de propaganda.

Um dos melhores destes artigos, "Cultura e Socialismo", acaba de ser publicado pela "Minha Livraria" numa edição popular. Recordando a sua leitura aos que desejarem se fazer uma ideia das relações que correm entre a cultura e o socialismo. O seu conteúdo é claro, preciso, acessível ás camadas mais largas do povo. Foi escrito especialmente para ele. Ao contrário do que pensam os basbaques, a cultura foi sempre uma arma de classe. Uma cultura acima das classes, não é possível sinão numa sociedade sem classes. O proletariado, portanto, que tome conhecimento dessa arma, para utilizá-la em seu benefício.

FL. S.

C. I. SOUZA NOSCHESI S/A

Rua Julio Ribeiro, 33
Teleph. 9-0378 e 9-2167

Fabricantes de APARELHOS
SANITARIOS
E DOMESTICOS

SÃO PAULO
Rua Libero Badaró, 15
Teleph. 2-2966
End. Telegr.: Fundação

(Conclusão)

populares que não cantam, chamados chorões. A tres, a quatro ou em maior numero improvisam sobre um tema dado e a liberdade ritmica é grande mas distingue-se muitas vezes uma semelhança com a marchinha, genero eminentemente carnavalescos. Os instrumentos que preferem são os violões, as violas, as flautas e os cavaquinhos.

A macumba é uma cerimonia mágica onde as figuras veneradas se identificam a entidades católicas; assim Oxalá é Deus; Eixu', o Diabo; Oxagá, o Cristo; Ogum, São Jorge; Imanja, Nossa Senhora dos navegantes; Oxum, a Virgem Maria; Oxor, São Sebastião; Iangó, São Jerônimo; Nhangá, Santa Barbara; Umuiun, São Lazaro e ha ainda uma infinidade de outros espiritos de um poder inferior. As macumbas são celebradas em todo Brasil com exceção do Estado do Rio da Baía e de Minas Gerais. Nada se faz na macumba sem os cânticos e as dansas. Cada entidade tem um tema musical e passos de dansa determinados: As influencias as mais diversas são perceptíveis mas todas submetidas ás mais fortes: a negra e a indigena. Os temas musicais são de uma grande beleza, alguns majestosos, todos impregnados de uma atmosfera misteriosa feita de um estranho misticismo. Os ritos são igualmente curiosos e uma das coisas que mais impressiona é

PANORAMA DA MUSICA POPULAR BRASILEIRA

Elsie Houston Peret

que, o culto de Eixu' se destaca na macumba muito mais que o de Oxalá. E' que Oxalá sendo bom não pode fazer nenhum mal a seus fieis e que há tudo a temer do furor de Eixu'. Por isto mesmo cada cerimonia começa sempre por uma invocação e sacrificios no temível Eixu'. Entre os frequentadores das macumbas contam-se os batuqueiros que dansam maravilhosamente nos sambas e nos batuques e que conhecem a fundo a arte muito difficil da capoeiragem. Esta consiste principalmente no emprégo judicioso da rasteira, meio de defesa e de ataque no qual não se usa nunca as mãos e que os capoeiras praticam com uma habilidade incomparavel. No batuque a dansa tem mais importancia que o canto e nele figura a cada instante um simulacro de rasteira. Os capoeiras sendo vagabundos essencialmente batalhadores e os batuqueiros tendo-se formado entre eles, a policia não permite mais os batuques na rua durante o carnaval como era costume ha poucos anos. Felizmente não se perdeu o ritmo de todo, pois

que o género batuque continua, sendo muito popular no nosso folk-lore, e graças á macumba o sapateio continua sempre em voga. O que se nota de muito curioso no batuque é a variedade de tipos de dansarinos que na maior parte revestem o costume das negras da Baía; os dansarinos místicos, os simplórios, os pedantes, as dansarinas históricas, as sensuais, as castas, etc., etc.

O que distingue um samba de um batuque é que no primeiro não se tira a rasteira e que os instrumentos que servem no acompanhamento variam um pouco do segundo. Os instrumentos que são de um certo modo o pivoto do acompanhamento do folk-lore brasileiro, são: o violão, a viola, a flauta, a clarineta, o cavaquinho e entre os instrumentos de percussão, o chocalho, o réco-réco, o caracaxú, o ganzá, o pandeiro, a rubumba, a puita; o maracá e o caxambu' formam com os primeiros o conjunto de instrumentos utilizados pelos musicos populares. No noroeste a rabeça e a sanfona também são usados, como também esta ultima no Rio Grande do Sul.

Póde-se notar ultimamente, nos meios intelectuais brasileiros que o interesse tem aumentado por tudo quanto diz respeito a nosso folk-lore. Esperemos que um movimento se faça em breve para a divulgação mais larga das representações folk-loreicas do norte, não sómente na capital como no estrangeiro.

As idéias do 3.º Reich expostas por seus chefes

Sobre a França

MESTIÇOS SUL-AMERICANOS

"Hoje em dia, Toulon e Marselha constituem verdadeiros centros de abastardamento do país. Em redor da Notre Dame de Paris acumula-se uma multidão cada vez mais degenerada. Negros e mulatos passaram de braço dado com mulheres brancas. Um bairro completamente judeu está se formando, com suas novas sinagogas. MESTIÇOS SUL-AMERICANOS SNOBS EMPESTAM a raça por intermédio de mulheres ainda bonitas, atraídas de todos os cantos de França..."

E' por isso que uma união com o França, abstração feita de toda consideração político-militar, equivale a um casamento com uma empestada".

(Alfred Rosenberg — "O Mito do Seculo XX", 1932, páginas 117-119).

Simpatia entre bastardos

Esse tipo de homem que, de 150 anos para cá passou em primeiro plano na França, representa após 1918, na Alemanha também, a flor da democracia, gordamente recheada pelo dinheiro slrio... A política francófila da democracia alemã exprime em ultima análise a simpatia "natural" de um bastardo para com outro. (Ob. cit. pg. 121).

A França, escaudouro da Africa

A maior e também a mais diretamente culpada da decadência da raça branca é, indiscutivelmente, a França, que logo após a grande guerra, fez ocupar a Renania — berço da civilização européia — por homens de côr; essa França, cujas autoridades militares competentes declararam abertamente ao Parlamento que eles formam um povo de cem milhões de almas e não dispõem de dois exercitos, "exercito branco e exercito de côr, mas sim, exercito unico". Mediante essas declarações, a politica francesa concedeu a igualdade de direitos á raça negra. Do mesmo modo que a França, ha 140 anos, promoveu a emancipação dos judeus, ela hoje contribue á degenerencia da Europa com a introdução dos negros. Como também é a muito custo que se pode considerar a França como Estado europeu, por ser mais propriamente o porto imenso da Africa á frente do qual se encontram os Judeus (Ob. cit. p. 633).

O perigo europeu

Já, graça ao socorro da Africa inteira, a Republica de Rotschild, empestando com a sua politica todas as raças do Ocidente, surge como uma ameaça de primeira importancia para toda a Europa... A pan-europa deveria chamar-se a Judéa francesa. (Of. cit. pg. 626).

Nenhum sacrificio deve parecer-nos muito pesado contra a França

... O inimigo mortal do nosso povo, a França, sufoca-nos impiedosamente, cagota-nos as forças; por isso, nós devemos aceitar todos os sacrificios que possam contribuir ao aniquilamento das aspirações francesas que dizem respeito á sua supremacia na Europa. Qualquer potencia é nossa aliada natural, desde que considere conosco como inadmissíveis as intenções francesas á hegemonia. Para alcançar esse fim, caminho algum nos deve parecer muito árduo, sacrificio algum, muito pesado, mesmo se o resultado final nos pareça somente como uma possibilidade de triunfo sobre o nosso inimigo mais encarniçada. (A. Hitler — "MEIN KAMPF", pg. 704, 705).

O inimigo hereditário

Durante séculos, os Francêses tem sido nossos inimigos hereditários. Portanto, uma aliança com um Francês, tratase, indiferentemente, de membros de partido burguês ou marxista, pertence ao dominio da utopia... O Francês não somente tem medo do soldado alemão, o primeiro do mundo, mas teme antes que tudo a superioridade incontestável dos alemães. (A. Hitler — "S. A." por Manfred von Killinger, pag. 25, 26).

Sobre a religião

O PAPA, A DEMOCRACIA E O MARXISMO ALMEJAM O MESMO FIM.

O paradoxo da democracia e do marxismo consiste no fato de que tanto um como o outro representam a filosofia mais brutal, mais material, mais vil, na exação da caridade e do amor para os oprimidos e os exploradores... O sacrificio e o amor jogam no marxismo o mesmo rôl que no sistema papal. (Alfred Rosenberg, "O Mito do Seculo XX" pag. 213).

Um "ersatz" da Biblia judia

As histórias de criadores e de mercados de animais que formam o Antigo Testamento serão substituídas por lendas e contos-de-fada nórdicos. (Ob. cit., pg. 602).

O Cristo nazi

Aquele que não vê em Jesus-Cristo sinão um mártir, "um anho ofertado em sacrificio, que resgata com seus sofrimentos os pecados da humanidade, não compreende o Cristo. Pelo contrário, o que nós admiramos e veneramos em Jesus, é

o herói mais corajoso, o combatente mais valeroso que jamais tenha existido... Nós não podemos encontrar, em nossa luta contra a judiaria, um aliado mais poderoso que o Cristo que nos ensina, em todas as coisas, o contrário do ensinamento judeu. (Th. Fritsch "Manual da questão judia", pag. 65).

Cristo nunca foi Judeu

UMA GENIAL DEFINIÇÃO

O Cristo não pôde ter sido Judeu. Nem ha necessidade de o provar cientificamente. E' assim. (J. Goebbels — "Michael, história de um destino alemão", pag. 88).

N. d. R.

Sobre a pureza da raça

CONTRA A IGUALDADE DAS RAÇAS

(Dedicado aos negros patriovistas e Integralistas)

De quando em quando os jornais ilustrados publicam para uso dos pequenos burgueses a fotografia de um negro que

ficou advogado, professor, pastor, até mesmo tenor de ópera. Enquanto a burguesia estúpida pasma de admiração perante o resultado de tal "ereção", cheia de respeito pelas maravilhas da pedagogia moderna, o Judeu sabe encontrar aí, habilmente, uma nova prova da justiça de sua teoria da igualdade das raças que ele se propõe inculcar ao povo. Esses pobres pequenos burgueses desmoralizados não compreendem que isso representa um atentado á razão, que é demencia criminal essa de "erigir" um semi-macaco até fazer-lhe crer que ficou advogado, enquanto que milhões de homens pertencentes á mais elevada das raças, devem vegetar em situações indignas deles.

Não compreendem os pequenos burgueses que é uma profanação da vontade do Criador isso de deixar centenas de milhares de suas criaturas as mais dotadas, na maré do proletariado, enquanto que se "endireita" Hotentotes, Zulus e Cafres a abraçarem profissões intelectuais. Sim, é essa mesmo a palavra: endireitar, como se faz com os cães, e não transmitir uma instrução científica.

("ADOLF HITLER. — "Mein Kampf", pg. 478/479).

Os povos inferiores, animais domesticos do Arianos

...Privados da possibilidade de se servir dos homens de raça inferior, os Arianos nunca teriam podido dar seus primeiros passos a caminho de sua civilização ulterior, do mesmo modo que, sem a ajuda de certos animais, que se conseguiram domesticar, teria sido impossível chegar a essa técnica que permite, hoje em dia, a passarmos cada vez mais sem esses animais.

(Ob. cit. pg. 322)

O bolchevismo. obra dos mestiços

O bolchevismo significa a revolta do tipo mongol contra as formas culturais nórdicas... Ele exprime o odio dos nómades contra os individuos estáveis: e constitue uma tentativa para subjugar a Europa. (Alfred Rosenberg — "O mito do Seculo XX", pg. 128).

Sobre a mulher

CONTRA A EMANCIPAÇÃO DA MULHER — (A MULHER, PROPAGADORA DE MOLESTIAS).

As reivindicações politicas da mulher implicam, no caso de lhe ser concedida a igualdade de direitos, a criação de um exercito feminino. Parece-nos superfluo de assinalar aqui todo o ridiculo duma tal exigencia. As doenças de mulheres conheceriam, num tal exercito, um surto extraordinario e a decadência da raça seria então inevitável. Quanto a um exercito misto, isso não seria sinão uma imensa, p... (A. Rosenberg, "O Mito do Seculo XX", pag. 497).

A verdadeira missão da mulher ou A mulher e a galinha

O dever da mulher é o de ser bela e de pôr ao mundo as crianças. A feméa dos passaros limpa suas penas para agradar ao macho, e é para ele que ela choca os ovos. Em compensação, o macho leva-lhe o alimento...

Tenho horror ás mulheres que metem seu nariz em tudo sem nada compreender o que quer que seja. Elas esquecem o mais das vezes, o seu dever mais natural: criar filhos. (Goebbels, "Michael", pg. 63)

Mistura de raça e legalidade

Se uma alemã se comete, de propria vontade, com Negros, Amarelos, Mulatos e Judeus, ela se coloca fóra de toda proteção legal e seus filhos, legítimos ou ilegítimos, não poderão obter os direitos de cidadãos alemães. A defloração cometida por um individuo de raça estrangeira será punida com chicote, trabalhos forçados, confiscação de bens e expulsão em vida do Reich alemão.

(A. Rosenberg, "O Mito do Seculo XX", pg. 584).

CUBA, OU O FIM DE UM "GOVERNO FORTE"

A tirania sanguinária do general Machado, que ha oito anos — com a acquiescencia dos Estados Unidos — terrorisava e oprimia o povo cubano, ruíu por terra.

O regimen que o presidente Machado instituiu naquela republica centro americana era o que todos os fâmulos da reação e todos os inimigos das liberdades intitulam: «um governo forte».

A ordem mais absoluta reinava em Cuba. O principio de autoridade era sagrado e temido. Os conceitos de Estado, governo, nação e povo eram todos reduzidos á uma unica expressão: a vontade do tirano Machado, esse Bernardes antilhano! Nenhuma especie de organização simplesmente liberal ou democrática era permitida e toda e quaisquer voz de opposição suprimida; e para que? Não pensava e agia o general Machado (lugubre nome de carrasco) para o bem do povo cubano?

O governo do feroz presidente realizava o ideal dos reacionários de todos os matizes e dos iludidos de todas as classes que desejam para o «bem do povo» um «governo forte e absoluto», dentro do qual haja «ordem, respeito á autoridade» e a famosa «harmonia perfeita entre governo e governados» para o bem comum da nação...

O governo machadista, sem se qualificar de fascista, puzera e mprática todo o sistema de repressão e de «totalitarismo» estatal próprios do estado «fascista» e «integral» tão caros aos turiferários do Duce e do côr-de-oliva-encamisado Plinio Salgado.

Identicas, no regimen fascista italiano e no governo machadista as formas de repressão brutal a todo o movimento de libertação das massas. Identicas, nos dois países, a politica «totalitária» das funções governativas, exercidas por uma camarilha de ferozes criminaes a soldo da casta dos plutocratas.

A unica diferença existente é que o general Machado praticou durante oito anos o que o Duce está fazendo ha quasi onze...

Por todas estas contingencias pôde-se afirmar que o regimen derrocado pela greve geral, applicava os métodos «fascistas» de governo.

O povo cubano deveria portanto — como procura demonstrar entre nós o «integralismo» — considerar-se feliz por ter um governo que tão «integralmente» e tão bem lhe cuidava

os interesses e nunca mais sonhar com liberdade, democracia, etc., coisas velhas e que só servem para fazer a desgraça dos povos...

A greve geral, levada a efeito por todos os trabalhadores cubanos com tão admiravel firmeza, que foi a principal alavanca do movimento que derrocou a tirania de Gerardo Machado e em seguida, o levante no próprio exercito (a intervenção dos navios de guerra norte-americanos foi devida ao fato de terem os soldados das guarnições de Havana e Manzanillo fusilado os ex-chefe da policia machadista e feito causa comum com os grévistas, o que constituia grande perigo para os todo-poderosos «trusts» ianquis em Cuba) determinando a fuga do tirano, constituem uma prova luminosa, aos olhos das massas de todo o mundo, da falencia do estado «totalitário» e «integral» e, também, que o espirito de rebeldia e a necessidade de liberdade e democracia mais amplas, acabam de deitar por terra a mais terrivel das ditaduras.

E as dezenas de sicários (ó futuros «guardas de assalto» de Plinio Salgado, por que não pensais nisso?) de Machado esmagados pelos trabalhadores cubanos, e o ex-chefe da policia secreta e os diversos «chefes» machadistas fusilados pelos soldados revoltados de Cuba, provam com a irrefutabilidade dos fatos a verdade de nossas palavras.

A caterva de fascistas coloniais e peninsulares, os nossos tartufos da Ação Social, do integralismo e ainda mais as nossas velhas raposas reacionárias deverão ter engulido a custo a amarga lição de Cuba.

Porque agora que o especulador de urnas eleitorais Plinio Salgado tenta convencer os ingenuos pequenos-burgueses brasileiros das vantagens de um «governo forte e integral», a vitória da democracia cubana sobre a reação «integral» machadista vem desmentir clamorosamente a sua demagogia cretina, pondo os trabalhadores do Brasil mais em guarda contra as promessas de um regimen bárbaro e feudal.

Porque dentro do cenário politico internacional o exemplo de Cuba é um poderoso estímulo para todos os povos oprimidos pela reação feudal do fascismo e particularmente para os jovens povos da America, a cuja espreita estão os vários caudillos «integralistas», como auspicio de vitória final sobre as reações que ainda duram e sobre as que poderão vir.

Edições Unitas

Enriqueça a sua estante sociológica com estes livros

Uma Biblioteca não é um luxo, é uma necessidade

SOCIALISMO:	
MANIFESTO COMUNISTA—Karl Marx	25000
PRINCÍPIOS DO COMUNISMO — Friedrich Engels	18500
SOCIALISMO UTOPICO E SOCIALISMO CIENTIFICO — F. Engels	35000
A B C DO COMUNISMO — N. Bukharin	65000
FILOSOFIA:	
CÂNDIDO — Voltaire	45000
O MARXISMO — Vários autores	48000
CONCEPÇÃO MATERIALISTA DA HISTÓRIA — Plekhanov	18500
LUDWIG FEUERBACH E O FIM DA FILOSOFIA CLÁSSICA ALEMA — F. Engels	45000
PARADOXOS — Max Nordau	75000
ECONOMIA:	
O CAPITAL (Resumo) — Carlo Caffery	45000
O PLANO QUINQUENAL—L. Trotsky	45000
OS PROBLEMAS DO DESENVOLVIMENTO DA U. R. S. S.—L. Trotsky	35000
BANCOS POPULARES E CRÉDITO AGRICOLA — Fábio Luz Filho	85000
O COOPERATIVISMO E OS LATIFUNDIOS — Fábio Luz Filho	45000
O VERDADEIRO E O FALSO COOPERATIVISMO — Fábio Luz Filho	35000
SOCIEDADES COOPERATIVAS — Fábio Luz Filho	105000
POLÍTICA:	
NO CAMINHO DA INSURREIÇÃO — N. Lenin	65000
A REVOLUÇÃO ESPANHOLA — L. Trotsky	35000
TEMPESTADE SOBRE A ÁSIA — L. Mantsô	35000
REVOLUÇÃO E CONTRA-REVOLUÇÃO NA ALEMANHA — L. Trotsky	75000
O QUE É A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO — L. Trotsky	25000

Antes, a leitura; depois, cada qual aja como quiser.

A Semana de Estudos Universitários

Recebemos a seguinte carta: "A U. U. C.—Ação Universitária Católica, — realizou ha dias, no luxuoso salão do Club Comercial, a inauguração da Semana de Estudos Universitários d'este ano.

Convidados pela agremiação de moços católicos, veio do Rio de Janeiro o conhecido publicista e agitador católico, sr. Tristão de Ataíde, que pronunciou "interessante" conferência.

E' sobre certos tópicos dessa conferência que desejamos chamar a atenção de nossos leitores.

O programa traçado por Tristão de Ataíde para a ação católica, entre os operários, a colaboração que ele quer, estreita e eficaz, do universitário católico e do proletário, é mais uma das fantasias do sr. Amoroso Lima.

Entregue ás reivindicações religiosas, perde, o nosso conferencista (se bem que não o pareça) o sentido das realidades. Segue o fio do seu pensamento, supondo que o mundo é um seio de Abraão, onde todos almoçam e jantam como os felizes componentes do "Centro D. Vital".

E' uma ingenuidade de sábio e de quem tem, asseguradíssimas, as refeições do dia.

Referiu-se ainda o sr. Tristão ás qualidades de disciplina e obediência que devem ser as daqueles que pertencem á A. U. C. Disse serem essas as grandes formadoras da personalidade.

Então a indisciplina e a revolta não traduzem também uma personalidade? ...

Tão definida é a personalidade que se forma vencendo a disciplina e lutando contra o meio, como a que vai á submissão do perinde ao cadáver.

Inácio de Lolola e Garibaldi, são dois exemplos dessas personalidades. São apenas dois temperamentos, duas mistica, entregues a causas diversas. Mas ambos são personalidades bem definidas.

Lembrou o conferencista a figura de lutador que foi Jackson de Figueiredo. Mas antes de se entregar á luta pela religião, Jackson havia sido um terrível lutador do livre pensamento. Basta lembrar a perturbação de que foi teatro o cáis da Baía, quando chegaram os padres, e o governo republicano recém-proclamado havia expulso de Portugal.

E'ra o temperamento próprio de Jackson que o levava á luta, talvez mesmo apenas pela necessidade de lutar. E' preciso não esquecer que os dogmatismos se apresentam sob as mais variadas modalidades.

Mas o que eu desejava frizar, é um tópico mais importante e mais interessante, ao meu ver.

Tristão de Ataíde, que já fez em São Paulo as conferências que enfeixou no seu livro: — O Problema da Burguesia —, e que agora promete o seu "pendant", isto é, o

"Problema do Proletariado", — dirigiu-se aos moços das Escolas Superiores, aconselhando-os á uma colaboração "efetiva" com o operariado, colaboração essa que é copiada, segundo disse o conferencista, dos círculos católicos parisienses, sob a direção de Robert Garric, que atualmente está entre nós e que, na semana de estudos universitários, vai fazer mais algumas conferências.

Conheço pouco acerca da situação operária do meu próprio Estado, que é o centro mais industrializado do país. Mas o que está mais perto de mim e sempre, alguma coisa me é dado observar. E' possível que o Dr. Amoroso Lima conheça bem o problema, pois é proprietário de uma fabrica de tecidos, no Rio de Janeiro, como todos sabem.

O Dr. Amoroso Lima, porém, conhece o operariado através da "sua" mentalidade de patrão, isto é, através da mentalidade da classe a que pertence.

Poderão os católicos, que tanto falam numa determinada concepção de vida, que possuem uma bem definida, examinar com a suficiente minúcia, a mentalidade, os anseios enfim, tudo o que forma a concepção de vida do proletário?

Ou acreditarão que o proletariado nem isso possui e facil será dar-lhe uma, feita sob medida?

Não julgo que os moços das escolas supunham que o operário nem sequer ideais possuía. Isso seria má e da minha parte... ...

Qual o espanto do moço católico universitário que se dêse ao trabalho de ir explicar, á noite, ao operário, as questões sociais, ao seu modo, quando esse operario lhe dissesse que, nesse dia, ainda não havia almoçado?

Tristão de Ataíde diz ser São Paulo a terra das surpresas. E' 6. Entre outras recolha esta: — Ha em S. Paulo, quem passe fome.

O au'cionista preocupado com o problema social, esse moço bem intencionado que cuida salvar o mundo, "sobrenaturalizando-o", espantar-se-á.

Durante uma das grèves, eu tive occasião de conversar com um amigo que está muito ao par da vida operária de S. Paulo. Esse amigo dizia-me que se envergonhava de receber o seu ordenado de chefe de escritório, quando via que operarios com familia recebiam para o sustento dos seus, apenas a mesma importância que esse meu amigo dependia em leite para as suas crianças.

Estas cousas ditas assim fazem supôr que quem as escreve tenha credos bolchevistas, ou cousa parecida.

Não tenho crença de especie alguma. Sou apenas espectador.

Era, e creio que ainda é costume de certos individuos letrados, ridicularisarem uma frase frequentemente repetida pelos velhos positivistas brasileiros.

Chegou agora a vez do catolicismo repetir a famosa "incorporação do proletariado na sociedade moderna". Os métodos são outros, mas não é sinão isso, a famosa colaboração que o chefe do laicato-religioso brasileiro apregôa. O apostolado civil está á póstos.

Tristão de Ataíde não desconhece que a sociedade contemporânea já apresenta algo mais do que levas e inocentes trinchas no seu edificio. Ele mesmo o disse e repetiu.

A transformação é inevitável. A própria Igreja já a sente. Tatela, com magistral estratégia, quando, pela voz do seu chefe supremo, aconselha aos seus setários, a ação fóra e acima dos partidos.

A Igreja, com esse faro politico que a caracteriza já toma posição,

parecendo abster-se das competições politicas dos nossos tempos. A ação católica deve ser fóra e acima dos partidos. Els o lema que ela adotou, lema esse que tem servido tambem para explicar uma certa politica que pretende destruir o partidarismo, para substituí-lo pelo particularismo, por um só partido reinante, capaz e capacitado de transformar a terra sobre que impere, numa sucursal do paraíso celestial...

Não sabemos qual a trajetória da democracia que, apesar dos muitos defeitos, ainda preferimos ao vago, complexo e duvidoso demofillismo de alguns homens bondosos que querem fazer a nossa felicidade, mesmo contra a nossa vontade...

Esravo, salariado... colaborador. E' a marcha. Duas fases já se passaram e muitas revoluções se desenvolveram.

E' agora que a fase de colaboração deve se processar. Tristão de Ataíde a sente e procura dirigi-la, como outros procuram dirigir uma economia que se descontrolou sem remédio.

Dar-se-á essa fase, sem a ditadura do proletariado?...

Mas acerca da colaboração preconizada pelo Dr. Amoroso Lima, a cousa será bem mais grave, ao que parece. Não quer ele guardar muita cousa do passado? Assim parece...

Tristão de Ataíde é um grande líder. Repare-se como o seu rosto se illumina quando encontra uma generalisação apropriada.

Mas generalisa demais...

Sabe levar a agua ao seu molinho, prepara os canais, desvia-os, entrem-se com o visinho, mas leva a sua agua, admiravelmente, ao seu molinho...

... Mas esquece que a melhor colaboração só se faz entre dois individuos cujos estomagos estão satisfeitos.

Não se pôde convencer a nenhum faminto, que a alimentação é desnecessaria.

Falar num Deus e na disciplina necessaria para o sustento e gloria da sua instituição, — (aliás ele tem muitas...) a um individuo que tem fome, é demonstrar-lhe a inexistência desse Pal tão misericordioso que não dá pão aos filhos...

... E, a um Deus desses, o melhor é depô-lo, com os seus funcionários e politicos, do mando do Universo...

SPECTATOR
S. Paulo — AGOSTO, de 1933.

Renascença do espirito liberal inglês motivada pelos acontecimentos da Alemanha

«A Inglaterra observou o ultimo dos Cesares esmagar a democracia alemã. O inglês vive ao pé do continente bastante ligado a ele para que não se interesse pelos seus fatos, mas bastante longe para ter o seu proprio ponto de vista. Pôde ser que nunca chegue a compreender a mentalidade estrangeira e tambem não seja nunca compreendido pelo continental. Essas coisas esclarecem a opinião britânica acerca do continente europeu, e durante as semanas mais recentes, contribuíram para uma attitude da Inglaterra que foi ao mesmo tempo de simpatia pela Alemanha e antipatia pelos nazis;

A respeito do próprio Hitler a antipatia britânica resolveu-se numa contada de observação. Como porta-voz da Alemanha, Hitler tem um papel internacional que eclipsa segundo a mentalidade britânica o seu papel puramente doméstico. Mas para com o espirito e os princípios do nazismo, a attitude britânica não mudou. Com certos graus de restrição, essa attitude encontrou-se no Parlamento, na imprensa e no publico. Foi até assunto em que os ingleses de todos os credos politicos concordaram. Os homens que dependuraram um letrado emass murderers (matar das massas) referindo-se a Hitler na casa de Madame Tausaud, eram comunistas. Os homens que atiraram ao Tames a corôa castilha que o envidado nazí depositára no Cenotáfio do Soldado Desconhecido, eram conservadores e o essencial desta attitude de interesse a respeito

dêsse espantoso movimento antinazista é que a maior parte della parece muito com uma renovação do velho liberalismo.

Não foi só o antissemitismo dos nazis que revoltou a Inglaterra. Um discurso explosivo como o do vice-chanceler Von Papen pronunciado em Munster ha poucas semanas, nenhum alemão ousaria fazer-lo em publico antes da guerra. Von Papen enotou a palavra «pacifismo» do vocabulário nazista. Exaltou a antiga aversão germanica á morte na cama. Recordou a velha canção guerreira germanica «Não ha melhor morte no mundo do que ser morto pelo inimigo».

Pôde-se pensar, talvez, que estas opiniões são as de profissionais do exercito, officiais em geral. Com efeito, elas exprimem porque a tradição democratica é de governo civil sob o qual o Exercito é domado e obrigado a retomar o seu lugar. A exceção presente não se refere tanto ás opiniões em si, mas á pessoa que as expressou como plataforma. Von Papen é um auditorio de civis. Não lhes falava como official do exercito mas como alta autoridade dum governo presumidamente civil — um governo em que, conquanto conteste a qualquer intenção guerreira, reforçou sua proibição de pacifismo pela censura de todo jornal e do livro dentro de suas fronteiras e pisou toda liberdade de pensamento de que os alemães gozavam, sob a Constituição de Weimar.

(do «New York Times», de 6 de julho).

CASA MILION
ALFAIATARIA E ROUPAS FEITAS
Rua Sta. Epligenia, 129

Obrigações — Bonus Promissorias
C. I. T. A. mantém um excelente serviço de informações sobre valor, vantagens e condições dos títulos públicos.
Fazer voossos negocios por intermedio de
C. I. T. A. LDA.
Direção de Percy D. Levy
São Paulo — Santos — Rio
Caixa Postal 3740 (S. Paulo)

A redação do "O HOMEM LIVRE", não se responsabiliza pelos conceitos expendidos em artigos assinados ou com pseudônimo.

AGENCIA BREMEN
Lgo. Sta. Epligenia, 13
Tel. 2-5413

A COOPERATIVA MOVEIS E TAPEÇARIAS
Rua José Paulino, 80-A
Tel. 4-0918

CASA KLIASS
Praça Ramos de Azevedo n.º 18

Mr. Roosevelt, a "prosperity" e as penas de pavão do fascismo

Teoria e prática do "socialismo" hitleriano

(CARTA DE BERLIM)

No começo de seu reinado, Hitler lançou um decreto: até 30 de Setembro de 1933 nenhuma tarifa de salário será modificada contra os trabalhadores. O governo dispunha: As organizações nazistas nas fábricas (N. S. B. O.) não devem em nenhuma empresa destituir os comitês autônomos de fábricas nem despedir operários. Só o chefe de polícia competente pôde tomar medidas dessa ordem. O diretor nacional da Frente de Trabalho, após a ocupação da A. D. G. B. (a Confederação Geral do Trabalho Alemã), tomou as seguintes deliberações: Nenhum patrão poderá aproveitar-se da grande confusão momentânea, devido a ocupação em massa de grandes organizações para abaixar os salários. Será, se o fizer, chamado à responsabilidade e considerado como inimigo do Estado.

Grandes palavras. Os adeptos de Hitler nas fábricas não se cansavam de chamar a atenção, com ar triunfante, dos outros que ativa ou passivamente rejeitam o fascismo — e que, apesar ou justamente por causa das perseguições bárbaras aos operários mais conscientes, ainda são a grande maioria, — para esses decretos. Agora, em todas as fábricas está sendo levado a efeito, com grande barulho das direções do partido hitlerista, uma suposta reforma. Mas o que significa essa reforma? Uma baixa radical nos salários! Provas? Eis aqui:

Em uma fábrica de Berlim, no começo de Maio, o comitê de fábrica dos sindicatos livres foi reformado, isto é, destituído. Em seu lugar instalou-se um comissário de empresa estranho à própria fábrica. Quanto à reforma, consistiu no seguinte: Um dia, as tropas de assalto ocuparam a fábrica. Os operários da fábrica foram obrigados a tomar parte na solenidade de inauguração dos "novos" métodos nacional-socialistas. O presidente da reunião fez um discurso que foi um verdadeiro disparate, prometeu o paraíso, e ameaçou: "Quem não entrar imediatamente para as células de empresa do partido nacional-socialista, será considerado como inimigo do Estado e preso..." Depois, a imprensa nazista deu a seguinte notícia: "Mais uma vez a organização de células de empresa do nosso partido consegue, depois de um trabalho paciente e fraternal de esclarecimento, destruir o último baluarte do marxismo. Os quadros das oficinas recebem com entusiasmo a palavra de nosso eminente camarada X. Y. e entram todos, espontaneamente, com exceção de alguns poucos inassimiláveis, que havemos porem, com o tempo, de convencer da grande ideia de Adolf Hitler, para as organizações de empresa do Partido nacional-socialista. Viva Hitler."

Oito dias depois, durante o tempo de trabalho das oficinas, foi convocada de repente uma reunião do comitê de empresa nazista. O dirigente, um velho contra-mestre, conhecido como o maior puxa-saco da firma, abriu a sessão, depois de terem sido antes expulsos do local os que não eram membros da organização, quer dizer, os operários mais conscientes. O comissário do comitê da fábrica, um líder nazista, teve a palavra: "A firma está ameaçada de quebrar; já há meses que trabalha com perdas. Ou o quadro tem de aceitar uma diminuição de salários ou a firma tem de fechar as portas, e mudar-se para o interior, onde ela terá a sua disposição, caso abra lá a fábrica, um lo-



cal livre e capitalis." Uma comissão é eleita para tratar com a firma sobre em quanto será baixado o salário. Esta comissão, que naturalmente, segundo o costume do regime hitleriano nada tem a dizer, voltou trazendo a decisão do patrão, com a tabela de baixa. A diminuição é de 33,13 por cento para os empregados e de 25 % para os operários. Os empregados logo se submeteram a essa imposição. Com os operários a coisa foi mais difícil. Duas reuniões se sucederam sem resultados. Os simples proletários sabiam desfazer brilhantemente as objeções da direção nazista, instrumento do patrão. Somente depois que o comissário do comitê da fábrica despediu arbitrariamente dois operários que lideravam a resistência à diminuição do salário, e estes não puderam, pois, tomar parte na terceira reunião (todas as reuniões tiveram lugar no mesmo dia), é que a baixa nos salários foi imposta contra a vontade de todo o quadro da oficina. Além disso, o pagamento que era de três em três dias foi prolongado para semanal.

PÉLES KLIASS
 BARÃO DE ITAPETININGA N. 44
 TELEPH. 4-4517

Aqui a luta contra os judeus ficou claramente desmascarada. Esta fábrica pertence a um formidável trust anglo-judáico. Como a empresa alemã, em virtude da estação de verão não ser boa aos negócios, não podia satisfazer os juros do capital investido pelos judeus e ingleses, foi preciso que, a pretexto dos salários serem muito altos, 150 operários e empregados alemães passassem a curtir fome. Assim é a luta do fascismo contra o capital financeiro. Dois judeus ingleses com uma fortuna de centenas de milhões de marcos e um capitalista alemão de origem ariana, que durante a guerra acumulou na Inglaterra uma fortuna colossal, da qual ainda nem um vintem se tirou (naturalmente porque com certeza foi um bravo soldado alemão que esteve na "frente de batalha..."), recebem os seus juros à custa da fome dos trabalhadores alemães. Mas os judeus pobres são perseguidos por todas as maneiras. E' este o programa dos fascistas alemães no terreno da pura cultura. O capitalista, seja judeu ou cristão, precisa viver. O proletariado pode esticar a canela.

Mas esses senhores não durarão eternamente. Já, por toda parte, e não só entre os proletários concien-

PELERIA NOVA YORK
 R. Bar. de Itapetininga, 50
 Telephone, 4-3042

tes, mas também nos círculos das classes médias, que ainda há tão pouco tempo festejavam Hitler como a um salvador, começa a lavrar o descontentamento. Esse descontentamento às vezes já chega a manifestar-se. Essa manifestação se estende também, por reação, a todos os velhos líderes dos velhos partidos operários e dos sindicatos que entregaram, sem combate, o operariado aos alçozes nacional-socialistas. Entre os trabalhadores, ouve-se frequentemente: para o diabo, com Hitler! e os nossos antigos chefes também! Esse descontentamento ainda se manifesta com prudência, e sem a necessidade clara. Ainda é apenas o começo, mas há de crescer, e tornar-se esclarecido e conciente. Então, adeus Hitler & Cia.!

Berlim, Junho, 1933.
UM OPERARIO DE FABRICA.

pelas proporções da sua aplicação, e consequentemente pelas perspectivas políticas resultantes.

Em última análise, o postulado fundamental da nova política econômica americana pode-se resumir no seguinte truismo: — "A depressão dos preços será corrigida pela pressão do aumento da procura, conseguinte à extensão do meio circulante". A aplicação dessa política pressupõe o emprego simultâneo e controlado de todo o arsenal inflacionista: obras públicas, depreciação do câmbio, extensão de créditos, emissão de papel-moeda, esgotamento artificial dos estoques de mercadorias e alta de salários.

Por enquanto, o presidente Roosevelt está em plena lua de mel com a economia planificada e pergunta: — "Continuaremos dispersos em muitos grupos, desorganizados como unidades separadas até a derrota, ou nos transformaremos em uma única organização para a vitória"? E' claro que, respondendo ele mesmo à própria pergunta, se decide pela última alternativa. E o já famigerado brain trust organiza a sua publicidade tendente a apagar na cabeça do "yankee" médio os últimos resquícios do individualismo puritano, explicando-lhe que o novo sistema econômico combinará o capitalismo com o socialismo corporativo, a tecnocracia com "o fortalecimento do Estado". O professor Tugwell um dos "trustmen", discorre liricamente: "Nossa geração está aprendendo a conceber o americano, não no antigo sentido do aventureiro, do pioneiro. A insensata expansão individualista do século XIX é agora uma época finda; chegamos ao termo da infância pródiga. Agora vamos aceitar as limitações da idade madura e descobriremos que, embora já não possamos ser puerilmente anárquicos, a vida é ainda digna de ser vivida".

Nira (National Industrial recovery administration) tornou-se a palavra

mágica que resume os poderes do Executivo para reorganizar a indústria americana. Pela lei, assinada pelo presidente Roosevelt a 16 de junho passado, pôe-se termo à existência do pequeno e médio industriais nos Estados Unidos, pois, igualando-se, pelo alto, as condições da concorrência, foi afastado praticamente e small man dos benefícios estatuidos nos diversos "códigos" das indústrias, acordos só aparentemente voluntários entre os membros de cada uma delas. O N. I. R. Act forjou o mais poderoso sistema de combinações industriais de que há notícia, com o objetivo primordial de fixar os preços em cada grupo das indústrias principais. Mas, para isso, é necessário que a intervenção do Estado na economia assuma um caráter de controle imediato, pela necessidade de limitar a produção e regulamentar o regime de trabalho (horário, salários, modalidades) de modo uniforme.

Al é que aparecem as veleidades ditatoriais de Roosevelt e aos palcos adeptos do Estado corporativo parece que o brain trust de Washington se inclinou ante a sabedoria de Mussolini e de Hitler... Mas, justamente, a diversidade de proporções das experiências cria uma diferença de qualidade. Um duce qualquer é bastante para policiar a economia provincial da Itália ou de uma Alemanha semi-colonizada, e não para organizar a conquista do mercado mundial. Mr. Roosevelt, em busca da prosperidade para o seu povo, assume antes os ares de um profeta que achasse guarida na sua terra. Encarna-se nele a conjuntura favorável à expansão das forças produtivas nos Estados Unidos e não a vontade particular de um grupo capitalista ameaçado diretamente por uma situação revolucionária.

à vista quando se compara a estatística atual às precedentes.

Em junho de 1929, consequentemente ao ponto culminante da conjuntura, havia, segundo a estatística oficial das "caixas de infortúnios", 20.775.000 segurados obrigatórios e 690.000 doentes incapacitados do trabalho; e mais, segundo os dados dos secretários de colocação, 1.260.000 desempregados. O número de trabalhadores atingia portanto um total de 22.725.000. Ora, segundo as estatísticas de maio de 1933, não havia mais do que:

1.º Empregados, segundo a estatística das caixas	13.170.000
2.º Desempregados socorridos	4.029.000
3.º Desempregados não socorridos	1.110.000
Total:	18.209.000

Faltam, portanto, sobre os 23 milhões de 1929, nada menos que cerca de 4,75 milhões!

Onde foram metidos esses 4.750.000 homens?

No "desemprego invisível": por uma pequena parte — cerca de 400.000 — no "serviço de trabalho"; por outra grande parte, na armadilha dos mendigos; e uma outra parte tão grande como esta continuava a ser carregada pelas famílias.

Mas a comparação com 1929 mostra que todas as estatísticas de ocupação e desemprego publicadas hoje, na Alemanha fascista não passam de fabulosos embustes. Os chefes nazistas sabem-no bem. Eles no entanto têm a caradura de afirmar, perante a opinião pública, a exemplo do que faz Hitler, que sob o seu governo o desemprego já diminuiu de 1,7 milhões!

(Rundschau, Brasileira).

A situação real da economia alemã

Desde que a estatística oficial da Alemanha está submetida ao ministério do Dr. Goebbels, tornou-se completamente inutilizável para o estudo da situação real. E' sómente valendo-se de estratégias que é possível jogar um golpe de vista por detraz dos bastidores dessa propaganda fascista de entulhamento de crânios e vér, tal qual é, a situação da economia alemã.

Uma possibilidade de fazê-lo nos é dada pelos Balanços dos grandes bancos alemães que parecem ter escapado até o momento às "correções" do ministério da Propaganda. Esses balanços revelam uma baixa ininterrupta da vida econômica, como se vê pelos seguintes algarismos:

	Estoque de	
	Credito	Debito
(em milhões de marcos)		
Mez de março	7.106	4.403
Mez de abril	6.934	4.312
Mez de maio	6.797	4.231

Essa regressão reflete o movimento contínuo da economia e mostra no mesmo tempo que as somas formidáveis das subvenções do governo são incapazes de frear esse "processus". A indústria e o comércio diminuem sem descanso; esse desenvolvimento acentua-se ainda mais pela baixa das cifras dos negócios, que é tanto mais notável quanto os preços das mercadorias não baixam, mas sóbem continuamente!

O estado da Reichsbank, indica, para a terceira semana de Junho, o

mesmo desenvolvimento. Os emprestimos diminuíram de 113 milhões de marcos. A "Frankfurter Zeitung" de 27 de Junho de 1933, escreveu muito justamente com respeito a isso:

"A diminuição dos pedidos de crédito é muito maior do que durante a terceira semana de maio e "quasi tão grande como a da semana correspondente do ano passado..."

Assim diminuiu também a circulação monetária: esta atingia, na 3.ª semana de Junho do ano passado, 5.631 milhões de marcos e na terceira semana de junho deste ano somente 5.095 milhões. E preciso alás tomar em consideração o fato de ter o governo de Hitler feito de tudo para levantar a circulação monetária: novos tratamentos de toda a espécie, fundação de novos ministerios, statthalters do Reich, e outros funcionários, comissariados, etc. etc. alta dos preços, subvenção à indústria dos automóveis, para a reforma dos imóveis, etc. Mas tudo isso de nada vale! A economia continua a restringir-se.

No entanto, o Instituto para as pesquisas da conjuntura, afirma a trevidamente:

"Em nenhum dos tres últimos anos, o grau da ocupação saubiu tão alto como na primavera de 1933". E, para prová-lo, publica estatísticas de desemprego e ocupação que não passam de mentirosa invenções. Essa invenção salta

A verdadeira significação do fascismo

"Hitler anunciou que a revolução terminou, que não haverá uma segunda revolução e que a época não é favorável para a criação das medidas socialistas que ele prometera durante a campanha eleitoral. Isto não nos surpreende. A revolução nacional socialista não é um acidente nem uma experiência socialista e também não é nenhum fenômeno socialista sem objetivo. Os nazis poderão realizar algumas medidas que terão a aparência socialista, no sentido em que o Estado estabelecerá o seu controle sobre certos agrupamentos capitalistas. Mas esta atividade não irá para a frente na direção do socialismo. O partido nazi sempre foi financiado por grandes industriais (não somente alemães, mas também franceses, americanos e — dizem — britânicos); hoje, embora não necessite desse sustento, ele guarda no escritório (no lugar de Hugenberg) um representante desses gordos interesses financeiros. É preciso notar ainda que, apesar dos ataques contra os judeus e apesar da propagação contra os banqueiros e os industriais judeus (que é preciso distinguir dos seus empregados) eles não foram incomodados pela ascensão de Hitler ao poder.

150 ANOS DE RECUO

Os chefes da revolução nazi se dão conta muito claramente — e isto os diferencia dos milhões de homens por eles cretinizados — que a sua missão é a de salvar o sistema da propriedade privada. Para tanto, não é suficiente apenas bater, prender e aterrorizar os comunitas e os socialistas. A revolução de Hitler não procura apenas destruir os seus inimigos, mas procura eliminar definitivamente todas as instituições democráticas e culturais graças às quais o socialismo tornou-se realizável no domínio da política prática. O direito de voto, de livre associação e de livre palavra revelou-se perigoso para o capitalismo e, — como Goering acaba de declarar, nunca mais poderá ser tolerado na Alemanha. E Goebbels, ministro da Propaganda, afirmou que o fascismo é o primeiro partido que se encontra categoricamente oposto a todos os princípios da Revolução francesa. Estes princípios proclamam a liberdade individual, a igualdade (de onde nasceu a ideia socialista) e a fraternidade que é a própria base da paz internacional. A Revolução francesa lutava pela liberdade e pela razão contra a autoridade e a superstição; ela deu ao mundo a concepção do progresso material e espiritual que constitui a aspiração principal do século XX. O movimento nazi recruta esta concepção do mundo livre, pacífico e igualitário. Daí decorre a recrudescência das superstições tais como a superioridade dos homens nórdicos sobre os judeus. Eis porque a Alemanha de hoje persegue o pensamento e a cultura e não reconhece como legítimas sinão as virtudes militares. A guerra é a divindade do fascismo e a palavra pacifismo foi — no dizer de Hitler — "enxada" do vocabulário alemão. Quanto às mulheres, cuja emancipação foi um dos grandes resultados alcançados pela democracia, devem — conforme a definição da doutrina fascista dada por von Papen — "gostar-se de tanto dar filhos", sendo o seu lugar a cozinha, onde deve — conforme Goering, desta vez — consolar e tratar do "guerreiro fatigado".

TUDO PELA VIOLENCIA

Resta saber até que ponto se poderá, no século XX, atrazar os ponteiros. Se Hitler pôde evitar a "debacle" econômica encontrando como o seu parceiro e mestre Mussolini, capitalistas estrangeiros dispostos a

ajudá-lo; se ele pôde, ainda imitando Mussolini, apregoar a necessidade da guerra sem se deixar arrastar nela, ele conseguirá continuar a curvar o proletariado pela força.

O que fica absolutamente claro é que o fascismo não é uma solução à guerra das classes: não é sinão uma vitória, obtida pela violência e que será muito provavelmente aniquilada pela violência.

CADA UM POR SI

Mas o capitalismo irá aplicar os mesmos métodos para melhor se defender? O sr. Keynes, que aceita o nacionalismo econômico como um movimento afinal desejável, afirma que este não deve conduzir à supressão da livre opinião nem à criação de um Estado tentacular e que se ele Keynes, pudesse realizá-lo, retornaríamos pelo menos ao liberalismo do século XIX. A questão não é essa. O nacionalismo econômico não apareceu porque pessoas refletidas o tenham desejado, mas porque os capitalistas de todos os países se vêm obrigados — diante da debacle do sistema financeiro internacional, de procurar a salvação nos mercados internos. O sr. Keynes, que constata resolutamente que o sistema capitalista, tal como o conhecemos hoje, é indefensável, espera que se poderá transformá-lo e controlá-la afirmando que ele consiga realizar a tarefa de distribuição sem que se tornem necessárias as violências e abolição da liberdade, como no caso da Alemanha. A América atirou-se a uma vasta experiência de capitalismo controlado; as condições nos Estados Unidos parecem convir particularmente a esse plano capitalista, e a experiência será muito instrutiva sinão decisiva.

A AMEAÇA DO FASCISMO

Entrementes, nós devemos fazer face, na Grã-Bretanha, à possibilidade de uma falência do capitalismo o qual não sobreviveria nem mesmo pelos esforços dos seus mais esclarecidos conselheiros e devemos prestar atenção ao desenvolvimento de um movimento do fascismo inglês. Algumas circunstâncias já o provam: um movimento fascista, ativo, moldado no exemplo alemão, desenvolve-se entre nós sem encontrar empecilhos, e grande parte da imprensa apenas consegue esconder o desejo de assistir à aparição de um ditador. O sr. Strachey, em seu livro "Ameaça do fascismo", declara, muito justamente, que não há razão alguma para tolerar esse movimento, agora que já lhe conhecemos, e bem, a tática. Se o capitalismo não se recompõe, o fascismo desenvolver-se-á entre nós, a menos que o partido dos trabalhadores instruído pela experiência da social-democracia alemã, não se dê conta de que substituir o fascismo devido à dificuldade do momento significa entregar-se de mãos atadas ao fascismo. Neste caso, o fascismo roubaria facilmente os raíes do socialismo, conquistaria as simpatias dos partidários do socialismo e, ao momento propício, assassinará e exilaria os chefes socialistas, confiscando os bens das suas organizações, aboliria os sindicatos estabelecendo sobre as suas ruínas um regime que não é apenas a negação do socialismo, mas, principalmente, de toda civilização.

(Do New Statesman and Nation, de Londres).

Drs. Bruno Barbosa e Silveira Melo

Advogados

Rua São Bento, 58 — 2.º andar
Tel. 2-3780

ELIAS MACHADO

ENGENHARIA CIVIL

R. LIB. DARADÓ, 30

Sobre a igualdade

O capitão Carlos dos Santos Gomes, prefeito municipal bairro, há dias, a seguinte portaria: "Considerando que o Conde Francisco Matarazzo é realmente um cidadão benemérito de São Paulo.

considerando, porém, que é odiosa a exceção que permitiu a abertura de portão e colocação de grades diretamente da Rua Mato Grosso para o túmulo de seu filho, no Cemitério da Consolação;

considerando ainda que nem mesmo a grandiosidade da obra poderá justificar a excepcional concessão, pois igualmente é merecedor de exposição à vista pública aquele túmulo, como o de mais umilde operário, tudo isso dentro do imperativo intrasferível de equidade e moral cristã, de que todos são iguais perante a morte;

determino a Diretoria de Obras e Viação que, imediatamente, no lugar das grades e do portão referidos, seja restabelecido o muro anteriormente existente, com a mesma simplicidade da cinta continua que encerra a quela campo de mortos".

Provavelmente, o ilustre capitão que desempenha temporariamente o cargo de prefeito municipal tomou a decisão que reproduzimos integralmente, depois de uma visita ao cemitério. O contraste vulgarmente chocante entre o pomposo mausoléu do conde manteiga de côco e as pedras nugas deitadas sobre as costas dos que foram infelizes na vida e na morte, deve ter comovido profundamente o coração positivista do ótimo discípulo do general Rabello.

Nós desejávamos, porém, que o capitão-prefeito, após ter visitado a casa dos mortos, desse uma o-lhadéla ao inferno dos vivos.

Um passeio noturno pelas ruas de São Paulo — inclusive as do centro — faria com que seus olhos se pousassem sobre pobre farrapos humanos engatinhados ao pé das portas das igrejas e dos palácios á impossível procura de um pouco de sono nestas gelidas noites inverniais.

E' sóbr essas pedras nugas, sob as rajadas de vento e de chuva que sofrem a fome e o frio verde e meunios, mulheres e trabalhadores validos sem trabalho, a legião eterna dos desertados, plebe sem pão, mendigos nugas, bocas que têm ainda o travo do fel, da esponja de Jesus,

enquanto deslisam, rápidos e silenciosos, os luxuosos automoveis que levam aos bordéis elegantes, aos cabarets e ao casino de jógo de Santo Amaro centenas, milhares de benjamins da sorte, os ricos, inúteis, ociosos e viciados.

A' moral cristã, segundo a qual todos são iguais perante a morte, nós fazemos preceder a moral humana, segundo a qual todos são iguais perante a vida.

Esta especie de reconhecimento postumo do capitão Gomes

Depois da morte de Giacomo Matteotti

(Continuação da 2a. pag.)

no integralmente. O país incendia-se de novo. É verdade então que Mussolini é o responsável! Como pôde esse modo ficar ele um só dia no poder? Reclama-se, como golpe de graça, a publicação do memorial de Filippelli.

Mussolini defende-se atacando. Ele decreta a censura preventiva dos jornais e ordena a mobilização geral da Milícia.

É verdadeiramente a hora suprema. Tres ministros não querem mais passar como cúmplices, demitindo-se. Amendola declara, tendo-lhe sido assegurado pelo rei, que Mussolini seria finalmente, obrigado a demitir... Cerca de trinta figurões declaram-se dispostos a se sacrificar e a se tornar presidentes do Conselho. Cada um deles procura os seus colaboradores. Em menos de um dia os que aspiram ao novo governo são mais de trezentos. É, pois, a vitória...

Mas onde está o novo governo? Mussolini continua no poder. A impaciência do país aumenta cada dia, tornando-se espasmódica.

No dia 3 de janeiro Mussolini fala na Camara: "Diante desta assembleia e diante do povo da Itália, eu declaro que assumo sósinho a responsabilidade moral, política e histórica do que aconteceu".

A campanha moral terminada, a batalha estava perdida.

Os combatentes italianos reunem-se em Assis, a terra de São Francisco. Resistindo ás intimidações, eles votam, por grande maioria, uma ordem pela qual, erguendo-se contra o regimen, reclamam o restabelecimento de todas as liberdades constitucionais.

O deputado Viola, presidente da Associação, acompanhado por uma delegação do Congresso, apresenta-se ao rei no domínio de San Rossore. As medalhas de ouro luzem nos peitos esticados. Perfilado como um soldado o on. Viola apresenta ao rei a ordem do dia votada e explica, sem rodeios, o pensamento dos combatentes italianos.

Tipogr. Frankenthal

Rua José Paulino, 49
Tel. 4-8866

faz PENDANT com o reino do céu da Igreja católica; é uma irrisão, para não chamá-lo com denominativos mais energicos.

Depois de mortos, atirai-nos para onde quizerdes, mesmo na "vala comun" cantada por Guerra Junqueiro, mas, durante a vida, não nos tirai, não nos roubai o pão e a liberdade!

Que importancia tem para os os mortos o fato de ser o conde Natarazzo, de óra por diante, obrigado a entrar no cemitério da Consolação pela porta comun? No entanto, importa muito aos vivos, privados de teto e de pão, saber que o nobre "cidadão benemerito de São Paulo", suaviza as dôres da velhice nos hotéis cosmopolitas e nas praias de moda do velho mundo!

É bem verdade que contra esta "exceccional concessão", o capitão-prefeito, nada pode fazer.

Mas é igualmente verdade que a sua portaria deixa tudo como está. E acrescenta, apenas, mais indiferença á nossa indiferença.

O FARROUPILHA

O momento é solene... O rei es-cuta, pálido, todo o discurso. Depois éle diz, com um sorriso espétrial:

— Minha filha, esta manhã, matou duas perdizes.

A delegação ficou estupefata. Um delegado, suando frio, lentamente, tremendo, responde com o mesmo sorriso:

— Eu gosto muito de perdizes assadas com ervilhas.

Dessa maneira terminou a mais solene embaixada de liberdade que o povo italiano enviou ao rei.

O on. Viola, quando me descreveu essa delegação infeliz, concluiu sua confidencia exclamando:

Mas nós sabemos morrer de pé. É inutil acrescentar que também o on. Viola pasou para o fascismo.

*) E. Lussu: Marcia su Roma e dintorni. Fascismo visto da vicino. Cda. Ed. "Critica", 103, Faub. St. Denis, Paris, 1933, 10 frs.

Malharia Loslowski

Rua José Paulino, 89
Tel. 5-4163

Frederico Gámbara

ADVOGADO

Praça da Sé, 6 — 2.º sob.
Tel. 2-2157

O ensino leigo e o Catolicismo

(Continuação da 1a. pag.)

menos aos domingos), resulta que o tal «ensino facultativo» não passaria de «ensino... católico, apostólico romano». Desse forma, teriam os santos padres a satisfação — e é o que não queremos — de acorrentar á sacristia as futuras gerações.

São essas as razões que levam os frequentadores da Santa Madre Igreja a combater o ensino leigo. Eles sabem muito bem que isso representa uma desvantagem para o clero. Livre do «ensino facultativo»... do catolicismo, a criança se tornará, muito provavelmente, um adversário da Igreja.

Sim! O ensino leigo, legítima conquista da democracia, é a arma com que a humanidade civilizada se defende contra o clericalismo. E quando qualquer filho... de Maria nos vem falar em «ensino facultativo», éle não faz sinão defender a sua própria existência desprezível.

Não é por acaso que todos os padres desta terra desventurada sacodem as saias pretas, indignados com a existência de uma Frente Unica Antifascista, cujo programa tem, como um dos pontos básicos, a reivindicação da garantia do ensino leigo e da separação da Igreja do Estado.

Mas também não é por acaso que a Frente Unica Antifascista, em seu manifesto inaugural, denuncia a Igreja Católica como um aliado natural do fascismo no Brasil. Só o fascismo pode atender, na atualidade, ás pretensões da Igreja. E só a Igreja, dadas as proporções desta cloaca em todo o país, pode realizar, entre nós, as pretensões do fascismo.

"O HOMEM LIVRE"

O proximo número de "O Homem Livre" sairá no sábado da proxima semana.